



Teologia Feminista Latino-Americana, Teologia Feminista Negra e Teologia Ecofeminista: partes de um todo

*Daniéli Busanello Krob**

RESUMO

A Teologia Feminista ganha vida através das experiências cotidianas de mulheres e homens, de fatores socioculturais, étnico/raciais, entre outros. Sendo assim, há diversas correntes da Teologia Feminista espalhadas pelos continentes. Com raízes na Teologia da Libertação e influência de diversas correntes do movimento feminista, temos a Teologia Feminista Latino-Americana, a qual subdivide-se em várias correntes, a partir de diferentes especificidades. A Teologia Feminista Negra parte de questões específicas de sua cultura e do que implica ser mulher negra. Esta teologia busca questionar e desconstruir a teologia patriarcal – que tem como identidade um rosto branco, masculino e elitista. Esta imagem patriarcal de Deus incentiva e colabora para a manutenção de uma sociedade e teologia – construídas ao longo de um processo histórico – racistas, sexistas e classicistas, onde a mulher negra e pobre torna-se triplamente oprimida. Já a Teologia Ecofeminista parte do princípio de que mulher e natureza estão na mesma condição de dominação e exploração. Ecofeminismo diz respeito às relações de homens e mulheres e sua relação com a natureza. Religiosamente, a natureza era representada e consagrada por Deuses e Deusas. Porém, com a queda do politeísmo e o início do monoteísmo, passa-se a adorar um Deus patriarcal e masculino que vê na mulher, assim como na natureza, um perigo que deve ser dominado.

Palavras-chave: Religiosidades; Teologia Feminista Latino-Americana; Negra; Ecofeminista.

INTRODUÇÃO

*Doutoranda em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST. Bolsista CAPES – Brasil. danielibusanello@gmail.com



Com a Teologia da Libertação os pobres, os fracos, os oprimidos ganham voz e vez. É levado em consideração a classe social e até mesmo, de certa forma, a raça/etnia. No entanto, o gênero é deixado à margem. É necessário apontar o grande abismo de diferenças que há na condição de vida entre O pobre e A pobre, O fraco e A fraca, O oprimido e A oprimida. Porém, a Teologia Feminista Latino-Americana não podia apropriar-se inteiramente do que as teólogas do chamado Primeiro Mundo produziam, pois haviam questões cruciais de especificidades:

Critica-se que ao pretender falar em nome de ‘todas’ as mulheres o movimento feminista teria definido seus objetivos com base na visão que as mulheres brancas do Ocidente têm da realidade. Se no Ocidente as mulheres buscam em primeira linha a ‘auto-realização’, no Terceiro Mundo são as questões da sobrevivência que realmente lhes interessam. As feministas ocidentais, bem à moda dos opressores de todos os tempos, teriam invocado para si o ‘poder de definição’ e imposto estas definições às outras, sem se lembrarem de sua própria cumplicidade social, racial e econômica com o sistema de opressão. (WARTENBERG-POTTER, 1996, p. 510)

Já a Teologia Feminista Negra parte de questões de sua cultura e do que implica ser mulher negra. Busca questionar e desconstruir a teologia patriarcal – que tem como identidade um rosto branco, masculino e elitista. Esta imagem patriarcal de Deus incentiva e colabora para a manutenção de uma sociedade e teologia racistas, sexistas e classicistas, onde a mulher negra e pobre torna-se triplamente oprimida.

Por fim, a Teologia Ecofeminista parte do princípio de que mulher e natureza estão na mesma condição de dominação e exploração. Religiosamente, a natureza era representada e consagrada por Deuses e Deusas. Porém, com a queda do politeísmo e o início do monoteísmo, passa-se a adorar um Deus patriarcal e masculino que vê na mulher, assim como na natureza, um perigo que deve ser dominado.

1 Teologia Feminista Latino-Americana

A Teologia Feminista Latino-Americana (TFLA) compartilha de teorias, reivindicações e lutas dos movimentos feministas para transformar a opressão e a dor



reconhece que a Bíblia exerceu e exerce influência tanto positiva quanto negativa na vida de muitas mulheres e homens e que essa influência não se dá somente através dos textos em si, mas também através da forma como esses textos são lidos e interpretados.(SANTOS, 2010, p. 33)

A TFLA diferencia-se de outras Teologia Feministas por considerar, especificamente, a realidade histórica, cultural, social e étnica/racial das mulheres latino-americanas e caribenhas. Entende-se, neste contexto latino-americano, que a supremacia masculina está intimamente relacionada com a injustiça econômica, com a opressão social e com a violência a que as mulheres são submetidas (ARAÚJO, 2000, p. 241). O lugar social é fundamental para compreender a experiência das mulheres. A forma de compreender o mundo e de interpretar a realidade é determinada por gênero, raça, classe, idade e orientação sexual:

Na América Latina a teologia feminista é elaborada a partir de realidades concretas, quer acompanhar a experiência que as mulheres pobres e oprimidas têm de Deus em sua prática libertadora e procura responder às questões e aos desafios que essa prática propõe à fé cristã. Além disso, entende que a revelação não ocorre fora das coordenadas históricas, daí a contextualidade ser uma das suas características centrais. (AQUINO, 1997, p. 55)

A TFLA subdivide-se em várias correntes, a partir de diferentes especificidades. A Teologia Feminista Negra parte de questões específicas de sua cultura e do que implica ser mulher negra. Já a Teologia Ecofeminista parte do princípio de que mulher e natureza estão na mesma condição de dominação e exploração.

2 Teologia Feminista Negra

Desde o início da colonização, a cultura escravocrata trouxe os negros e negras para o continente americano. Quando chegavam ao porto de destino – seus locais de venda – ao homem negro era observado as condições físicas para o trabalho, já à mulher negra, além disso, também eram necessários outros quesitos: beleza e procriação. Assim, ela satisfazia os desejos dos senhores, dos escravos e, conseqüentemente, produzia, de graça, mais escravos: “Ela não só era mercadoria e força de trabalho, mas também uma máquina reprodutora de escravos [...] seus filhos,



quando nasciam, eram bens do escravocrata” (LÓPEZ, 2004, p. 70). Outro fator muito relevante da história da chegada do povo negro no continente americano diz respeito a imposição religiosa, maus-tratos e discriminação a que foram submetidos (LÓPEZ, 1995, p. 17):

[...] os missionários dirigiam-se a eles dizendo que a evangelização é desejada por Deus para salvar a sua alma, apresentando também um Deus retribucionista e tolerante da escravidão, já que afirmavam que ‘os colonizadores são bons, têm poder e riqueza dados por Deus’, mas os escravos só receberão a sua recompensa após a morte, em outro mundo. Dessa forma, tiveram que renunciar a quase tudo: terra, pátria, família e religião. Mas, apesar dessa violência que os obrigou a esconder os seus símbolos, crenças, cultura e a sua verdadeira fé, mantiveram a cosmovisão que faz parte da sua cultura espiritual. (LÓPEZ, 1995, p. 17)

Em 1975, em Detroit, na conferência Theology in the Americas, a Teologia Latino-Americana da Libertação, Teologia Negra e Teologia Feminista, deram início a um processo de integração de diversas perspectivas de libertação. Dentre elas, a argentina Beatriz Melano Couch evidenciou que racismo e sexismo são ideologias opressoras que caminham juntas e que urge de uma abordagem específica na Teologia da Libertação (GIBELLINI, 1998, p. 410). Já na década de 1980, a Teologia Negra questionou a cor do feminismo. A teóloga negra Delore Williams apontou que o feminismo branco não servia para as mulheres negras por uma série de questões, tais como a falta de isenção do preconceito racista do próprio movimento feminista. Além disso, a crítica que a Teologia Feminista faz se resume ao patriarcado, ao poder masculino, mas para as mulheres negras ela vai além: é uma crítica ao poder exercido pelos homens e mulheres brancas sobre as mulheres negras (GIBELLINI, 1998, p. 410-411):

[...] a mulher negra é invisível não só no interior do sistema patriarcal, mas também no interior do próprio movimento feminista e da teologia feminista. Se o patriarcado produz o sexismo como opressão da mulher em razão do sexo/gênero, o sistema perverso que oprime a mulher negra gera uma dupla opressão em razão do sexo/gênero e da raça. (GIBELLINI, 1998, p. 411)

A teóloga feminista Maricel M. López destaca que, no contexto de América Latina, o percurso histórico da Teologia Negra passa por quatro etapas (LÓPEZ, 2005, p. 33).



A primeira etapa iniciou-se com a chegada dos escravos e escravas em solo latino-americano e toda a filosofia, cultura e religiosidade que trouxeram em suas bagagens. Mas, como já vimos, a religiosidade negra foi duramente combatida e discriminada. A segunda etapa estendeu-se até a década de 1960 e sua principal característica foi a crítica ao racismo institucional, incluindo as lutas por emancipação dos movimentos abolicionistas. A terceira etapa aconteceu até o final dos anos 70, já à luz da Teologia da Libertação. E finalmente a quarta etapa vai desde a década de 1980 até a atualidade, que tem como principais características a crítica ao sistema capitalista e ao silêncio velado dos teólogos negros sobre a situação das mulheres, construindo assim uma forte correlação entre racismo, classicismo e sexismo. Neste contexto Latino-Americano, o Movimento Feminista também exerceu influência sobre as teólogas negras, contudo, da mesma forma que Delore Williams já apontava, elas também viam um racismo camuflado no chamado feminismo branco (LÓPEZ, 2005, p. 33-34):

Nós, mulheres negras, confrontamo-nos não apenas com o racismo e o sexismo da sociedade dominante e de suas estruturas patriarcais, mas nos deparamos, por um lado, com o racismo de um movimento feminista dominado por mulheres brancas e, por outro lado, com o anti-feminismo e o heterossexismo normativo do movimento negro, somos esquecidas tanto como negras, quanto como mulheres, por isso a teologia negra feminista latino-americana quer colocar as experiências das mulheres negras no centro. (LÓPEZ, 2005, p. 36)

A Teologia Feminista Negra tem um caráter ecumênico muito marcante e particular. Ao resgatar as experiências religiosas da cultura negra e de seus antepassados, acaba dialogando e interagindo com outras expressões religiosas. No entanto, este diálogo encontra-se fundamentado nas raízes cristãs. Principalmente quando se fala do contexto histórico brasileiro, vê-se que o cristianismo sempre esteve atrelado a todas as formas de expressões religiosas da cultura afro. Não reconhecer a religiosidade histórica do povo negro seria o mesmo que não reconhecer toda a sua existência:

As experiências religiosas das tradições africanas estão relacionadas com a natureza e com o culto aos antepassados. A terra, os ancestrais, os rios, a



comida, o axé são parte da memória histórico-religiosa, parte de nossa experiência de Deus e fundamentos de uma teologia com rosto negro. Não renunciamos as raízes cristãs, mas as enriquecemos a partir desta experiência de fé [...] A recuperação de nossas raízes nos dá forças para seguir sendo uma voz profética contra as desigualdades, as discriminações e o racismo. (SILVA, 2010, p. 94)

Para Silvia R. Silva, o fazer teológico negro feminista latino-americano parte de três elementos fundamentais, que são a recuperação do corpo como lugar de manifestação de Deus, história e memória e encontro com a experiência religiosa dos antepassados (SILVA, 2010, p. 93-94):

- *Recuperação do corpo como lugar de manifestação de Deus:* o corpo negro é afirmado como lugar teológico. No entanto, quando há discriminação racial, há a rejeição deste corpo. Rejeitar o corpo negro é desejar embranquecer-se e isso, no fundo, é desejar não existir como pessoa ou como povo. Na Teologia Negra Feminista, o corpo é reconhecido, celebrado, resgatado em suas relações cotidianas.
- *História e memória:* O povo negro tem raízes, tem passado. Fazer parte da história é se descobrir como sujeito que faz a história, e essa história também é lugar de Revelação. Redescobrimo a história de um povo, se resgata e se reafirma a sua memória, memória essa que se manifesta viva nas experiências do dia a dia, enchendo-se de sentidos e transcendência.
- *Encontro com a experiência religiosa dos antepassados:* a religiosidade afro está intimamente relacionada com a natureza e com a ancestralidade. Ir de encontro a essa experiência religiosa afro não quer dizer rejeitar o cristianismo, mas sim enriquecê-lo e torná-lo mais ecumênico. Essa reflexão de fé traz aos negros e negras um Deus com diferentes rostos, mas com um só coração que os/as ama e acolhe em suas diferenças.

Conquistar o reconhecimento do rosto da mulher negra como imagem e semelhança de Deus é um dos pontos chave da Teologia Feminista Negra. A busca da identidade dos negros e negras dentro da teologia é fundamental neste fazer teológico: “A questão da ancestralidade [...] diz respeito aos fundamentos primordiais de um



grupo, aos elementos mantenedores de sua identidade” (LÓPEZ, 2002, p. 21). A identidade está relacionada ao contexto social, cultural, histórico, de gênero, entre outros. Ter e reconhecer a sua própria identidade ou a identidade de um povo significa pertencer, existir perante o todo.

3 Teologia Ecofeminista

Ecofeminismo diz respeito às relações de homens e mulheres e sua relação com a natureza. Essas relações nem sempre foram de subordinação e dominação. Nos primórdios, natureza e seres humanos viviam em harmonia, sintonia e respeito. Religiosamente, a natureza era representada e consagrada por Deuses e Deusas – diga-se de passagem que o número de Deusas era superior ao número de Deuses (TEZZA, 2002, p. 8). Porém, com a queda do politeísmo e o início do monoteísmo, passa-se a adorar um Deus patriarcal e masculino que vê na mulher, assim como na natureza, um perigo que deve ser dominado:

As sociedades antes organizadas de forma igualitária passam a ser de dominação masculina, dentro de um sistema patriarcal e militarizado. Esta estrutura foi tomando uma dimensão cada vez maior e foi organizando tudo a seu redor de forma que o controle fosse somente dos homens. E tudo que representasse uma ameaça deveria ser dominado, demonizado – mulher e natureza. (TEZZA, 2002. p. 9)

As mulheres estão relacionadas ao corpo, à terra, ao sexo, à fraqueza, ao pecado, à natureza, à emoção, ao doméstico (privado). Enquanto os homens estão relacionados ao espírito, à racionalidade, à cultura, à objetividade, à rua (público), e também ao poder soberano e absoluto sobre as mulheres e sobre a natureza. A dominação dos corpos e do trabalho das mulheres está intimamente relacionada com a exploração da terra, da água e dos animais. Essa dominação acontece tanto no nível socioeconômico quanto no nível das representações simbólicas:

Ambas, mulher e natureza, seriam objetos da exploração patriarcal, ‘colonizadas’ por um sistema orientado por uma lógica utilitarista de dominação;





25).

A segunda sentença é aplicada à mulher, com dois temas centrais: maternidade e sexualidade: “Terá muitas dores na gravidez e no parto, e desejará seu marido, e este a dominará” (LÓPEZ, 2002, p. 26). Quando a mulher busca o conhecimento simbolizado na serpente, é vista como uma grande tentadora, moldando o caráter sedutor feminino. “Porque achou que podia tomar uma decisão sozinha foi que Eva colocou tudo a perder, por isso deve ficar sob o governo do homem” (PEREIRA, 2009, p. 23). A identificação da mulher com a serpente reduziu-se ao controle de sua sexualidade. Seu corpo passou a ser corpo para reprodução:

A mulher, que antes podia confiar na Deusa para que a ajudasse nos partos, dará à luz seus filhos com dor. As mulheres ficaram subordinadas aos homens e responsabilizadas por esmagar a Deusa em forma de serpente. É evidente que esse relato, entendido dessa maneira, fomenta a subjugação das mulheres. Por isso, desde uma ótica ecofeminista, deve-se posicionar-se e denunciar qualquer tipo de dominação das mulheres e da natureza. (LÓPEZ, 2002. p. 26)

A terceira e última sentença é aplicada ao homem e está relacionada com suas condições de trabalho: “[...] por ter escutado a voz da mulher, morará numa terra amaldiçoada, com suor e trabalho comerá todos os dias, até retornar à terra” (LÓPEZ, 2002, p. 26). Do ponto de vista ecofeminista, a partir daí, está traçada a relação de inimizades entre homens e natureza, o que faz com que eles distanciem-se dela, neguem que sejam parte dela e ainda busquem o domínio sobre ela. Este relato também evidencia uma relação trágica com a morte, apesar de fazer parte do ciclo natural. É como se a morte, aqui, fosse vista como castigo pela transgressão. E o fardo desta transgressão está nas costas de Eva – das mulheres: “Ela (Eva), a mãe de todos os viventes, se converte em portadora da morte”(LÓPEZ, 2002, p. 27).

Anne Primavesi propõe uma leitura ecológica e não hierárquica de Gênesis, o que implicaria no reconhecimento de uma relação mútua entre Deus, os seres humanos, os animais e todo o ecossistema. Na proposta de Anne Primavesi, o homem, ao invés de estar em uma posição de dominação perante mulher e natureza, partilharia da mesma argila e do mesmo espírito. A mulher não mais seria responsabilizada pelo



pecado. Comer o fruto simbolizaria autoconsciência e discernimento. A serpente estaria relacionada ao questionamento de estruturas hierárquicas e normas relacionadas ao mundo (PRIMAVESI, 1996, p. 355-357).

O ecossistema e a vida, conseqüentemente, encontram-se ameaçados. É necessário, urgentemente, repensarmos e mudarmos as relações com o universo (LAZARIN, 2002, p. 37). A Teologia Ecofeminista tem como objetivo repensar e questionar a tradição teológica ocidental e a cadeia hierárquica dos seres humanos entre si e sobre a natureza.

Conclusão

No fazer teológico feminista latino-americano, o conhecimento não se dá apenas através do exercício da razão, pois a reflexão não se separa da experiência vital. No cotidiano se encontra a experiência de Deus e é onde devem ocorrer as construções de relações de dignidade à vida de mulheres e homens (SILVA, 2010, p. 88). Emprega valores iguais ao público (Igreja e sociedade) e ao privado (ambiente doméstico-familiar), pois os processos de libertação das mulheres devem acontecer plenamente, e não apenas como aparência aos olhos do povo. Sendo assim, a TFLA busca identificar e nomear os fatores opressivos para então conseguir afetar os padrões de comportamentos institucionais, as atitudes e as relações que se dão no cotidiano.

O exercício da Teologia Feminista Negra de resgatar a história e memória do povo negro – que sempre foram desvalorizadas e diminuídas na sociedade – tem um papel muito importante na busca e (re)afirmação da identidade. Só assim é possível devolver a dignidade de vida que lhes foi roubada pelo sistema escravocrata e que perdura até os dias de hoje envolto no patriarcado, racismo e sexismo. O rosto do negro, da negra, também são imagem e semelhança de Deus.

A Teologia Ecofeminista necessita contestar o modelo capitalista e patriarcal de tratar as mulheres e a natureza como propriedades privadas a serem dominadas e exploradas. Para tal, precisa desmascarar as estruturas de dominação social



(RUETHER, 1993, p. 77). Por fim, deve questionar e desconstruir o modelo hierárquico teológico ocidental – Deus, como espírito não-material, o homem, como sua imagem e semelhança, a mulher, como ser inferior e a natureza, que juntamente com a mulher, encontram-se inertes e disponíveis para serem dominadas e exploradas.

Estas três teologias aqui apresentadas diferenciam-se entre si por suas especificidades. No entanto, têm, ao mesmo tempo, muito em comum. São teologias que buscam identificar, nomear e combater situações de injustiças e opressões e, com isso, buscam proporcionar vidas mais dignas e saudáveis para as mulheres de todas as raças/etnias e em harmonia com o nosso precioso ecossistema.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria P. **A teologia, a Igreja e a Mulher na América Latina**. Tradução de Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. Teologia feminista latinoamericana. In: **Revista Cristianismo Y Sociedad**. vol. 36. no. 135/136. Logroño: Universidad de La Rioja, 1998.

ARAÚJO, Claudete R.de. Desafios e perspectivas à produção teológica a partir da contribuição das teologias feministas. In: Luiz Carlos Susin (org.). **Sarça Ardente: Teologia na América Latina: prospectivas**. São Paulo: Paulinas, 2000.

CALABRESE, Cora Ferro et al. **Mujer, Sexualidad y Religión: Hasta Cuándo..., Señor? Equador**: CLAI, 1998.

GEBARA, Ivone. **Teologia em ritmo de Mulher**. Coleção mulher: tema atual. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. **Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o Conhecimento e a**



Religião. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do Século XX**. Tradução de João Paixão Netto. São Paulo: Loyola, 1998.

LAZARIN, Cleide. Ecofeminismo: uma hermenêutica feminista. In: **Fontes e Caminhos Ecofeministas**. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

LÓPEZ, Maricel M. **A força da solidariedade**: O livro de Rute numa perspectiva negra e feminista. Série Mosaicos da Bíblia. Tradução de Jane Falconi F. Vaz; José Adriano Filho. Rio de Janeiro: Koinonia, 1995.

_____. Ecofeminismo e cultura negra. In: Várias Autoras. **Fontes e Caminhos Ecofeministas**. no. 175/176. Série A Palavra na Vida. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

_____. Corpos (i)maculados: Um ensaio sobre trabalho e corporeidade feminina no antigo Israel e nas comunidades afro-americanas. In: STRÖHER, Marga J.; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André (org.). **À flor da pele**: ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

_____. Sou negra e formosa: raça, gênero e religião. In: MUSSKOPF, André S.; STRÖHER, Marga J. (org.). **Corporeidade, etnia e masculinidade**: Reflexões do I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

PEREIRA, Nancy C. **Remover pedras, plantar roseiras, fazer doces**: por um ecossocialismo feminista. São Leopoldo: CEBI, 2009.

PRIMAVESI, Anne. **Do Apocalipse ao Gênesis**: Ecologia, Feminismo e Cristianismo. São Paulo: Edições Paulinas, 1996.



OTTERMANN, Mônica. As águas mansas de Siloé – um mergulho ecofeminista em questões de vida e morte. In:**Fontes e Caminhos Ecofeministas**. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

RESS, Mary J. O crescimento do ecofeminismo na América Latina. In:**Revista HIU on-line**:O futuro que advém. A evolução e a fé cristã segundo Teilhard de Chardin.no. 304. Ano IX. São Leopoldo: Instituto HumanitasUnisinos, 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_antiores&secao=405>. Acesso em: 25 set 2014.

RUETHER, Rosemary R. **Sexismo e Religião**:Rumo a uma teologia feminista.Tradução de Luís Marcos Sander; Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

SANTOS, OdjaBarros.**Uma hermenêutica bíblica popular e feminista na perspectiva da mulher nordestina**:um relato de experiência.Dissertação de Mestrado em Teologia. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, 2010.

SILVA, Silvia R. de Lima. AbriendoCamino, Teología Feminista e Teología Negra Feminista Latinoamericana.In:**Revista Magistro**. vol. 1. no. 1. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas – UNIGRANRIO, 2010. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/1055>>. Acesso em: 5 out 2014.

SOUZA, Sandra Duarte de. **Teo(a)logia, Ética e Espiritualidade Ecofeminista**:uma análise do discurso. Tese de Doutorado. São Bernardo do Campo: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, 1999.



TEZZA, Maristela. Ecofeminismo e Bíblia. In: **Fontes e Caminhos Ecofeministas**. Série A Palavra na Vida. no. 175/176. São Leopoldo: Con-Texto, 2002.

TOMITA, Luiza Etsuko. A Teologia Feminista Libertadora: Deslocamentos Epistemológicos. In: **Fazendo Gênero 9**: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/site/anaiscomplementares*>. Acesso em: 6 out 2014.

WARTENBERG-POTTER, Bärbel V. No Terceiro Mundo. In: GÖSSMANN, Elisabeth (org.). **Dicionário de teologia feminista**. Petrópolis: Vozes, 1996.